



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA**

Ana Margarete Cerqueira Soares

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA QUESTÃO QUE ENVOLVE ALUNO,
PROFESSOR E FAMÍLIA.**

SALVADOR

2010

ANA MARGARETE CERQUEIRA SOARES

**VIOLÊNCIA ESCOLAR:
UMA QUESTÃO QUE ENVOLVE ALUNO, PROFESSOR, E FAMÍLIA.**

Monografia apresentada ao Colegiado do curso de graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Cleverson Suzart Silva

SALVADOR

2010

ANA MARGARETE CERQUEIRA SOARES

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA QUESTÃO QUE ENVOLVE ALUNO,
PROFESSOR E FAMÍLIA.**

Monografia apresentada a Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia como requisito parcial de conclusão do curso em 2010.

Dr. Cleverson Suzart Silva (Orientador)

DR. Miguel Angel Garcia Bordas (Banca Examinadora)

Menandro Ramos (Banca Examinadora)

Salvador, 06 de Dezembro de 2010.

Dedico este trabalho a Deus, a minha Mãe, que foi a maior responsável pela minha formação acadêmica.

Aos meus amigos, que me impulsionaram e que fizeram com que eu não desistisse. E a todos que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e ao meu Anjo da Guarda por ter me dado forças e ter me tornado maior que meus problemas, e aceitar minhas limitações e compreender que a vida é feita de ganhos e perdas.

Agradeço a minha mãe Eulina Cerqueira Soares que foi a maior responsável pelo meu sucesso de hoje, e que muito lutou para que hoje eu esteja concluindo a minha graduação.

Agradeço a Dilma uma grande amiga que muito contribuiu nos momentos finais da minha graduação, através dos seus conselhos e incentivos.

Agradeço também as amigas da graduação Adriana Santana e Valeria Santos, que muito contribuíram nesta longa caminhada até este momento final.

Agradeço a todos os professores da Universidade Federal da Bahia, que através das disciplinas administradas por eles, muito contribuíram para a minha formação.

Agradeço ao professor orientador Dr. Cleverton Suzart Silva, que foi o maior responsável no processo de construção deste trabalho de conclusão de curso, e pela sua paciência e incentivo.

Agradeço a todos os professores e equipe gestora da Escola Municipal Deputado Gersino Coelho, pela amizade e incentivo durante essa minha caminhada.

E agradeço a todos que não citei, mas que direta ou indiretamente, me ajudaram em todo o processo da minha formação acadêmica.

RESUMO

O objetivo dessa investigação é compreender os constantes casos de violência no ambiente escolar, analisando as diversas modalidades de violência na visão de alguns autores, e quais as consequências geradas à equipe pedagógica e ao aluno, deste problema existente em algumas escolas. O trabalho buscou também compreender as mudanças ocorridas na formação dos novos educadores, da sua preparação para o enfrentamento das questões de violência, as medidas tomadas por estes nestas situações, e as relações entre professores, alunos e familiares, diante desta nova configuração de família que, conseqüentemente, interferem no aprendizado dos alunos. Elas foram analisadas através de teoria e prática a partir de visitas realizadas a uma escola pública da cidade de Salvador. Desta forma, o presente trabalho, buscou através da análise do tema violência, compreender as funções dos agentes escolares e as possíveis soluções adotadas pela instituição escolar e alguns órgãos públicos ligados à escola.

Palavras-chave: Violência – Instituição Escolar – Aluno – Professor.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SEJA	Seguimento de Educação de Jovens e Adultos
CE	Conselho Tutelar
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
SECAD	Secretarias de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.
MEC	Ministério da Educação
SEB	Secretária de Educação Básica
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
CRE	Coordenação Regional Escolar

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CONCEITO DE VIOLÊNCIA	10
2.1	TIPOS DE VIOLÊNCIA	12
3	ESCOLA E VIOLÊNCIA	16
3.1	O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA NO CONTEXTO ATUAL	17
3.2	A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA	22
3.3	A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO E ALUNO PROFESSOR	25
4	MEDIDAS ADOTADAS PELAS ESCOLAS PARA REPRIMIR OS ATOS DE VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR	31
4.1	LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA	35
4.2	DADOS DA PESQUISA	36
5	CONCLUSÃO	40
	REFERÊNCIAS	
	ANEXOS	
	ANEXO A	
	ANEXO B	

1INTRODUÇÃO

No momento vivido atualmente, o número de casos de violência na sociedade tem sido cada vez maior. Todos os dias, no rádio, na televisão, nos jornais de grande circulação da nossa cidade, as primeiras notícias do dia quase sempre envolvem algum caso de violência. O assunto é tão sério que as pessoas estão cada vez mais assustadas com os frequentes casos de violência.

Na observação da arquitetura das casas da nossa cidade, nota-se que as residências parecem mais uma prisão, porque estão protegidas de grades por todos os lados. A população não se sente segura dentro da própria casa, que muitas vezes acaba sendo atingida pela violência até mesmo nos momentos de reclusão.

Toda esta violência ocorrida na sociedade vem cada vez mais se refletindo dentro do ambiente escolar, sendo que, nos últimos anos, estes casos vêm crescendo assustadoramente. Além disso, os estágios realizados na rede pública de ensino contribuíram ainda mais no despertar da curiosidade em estudar o tema “violência na escola”, para assim, tentar entender, através de estudos realizados na área e de leitura de textos de alguns autores, melhor, tentar compreender porque os alunos atualmente estão cometendo tantos atos de violência no ambiente escolar.

Para este estudo, serão apresentados o conceito de violência segundo alguns autores, e as formas de violências mais comuns no ambiente escolar. O atual trabalho também irá expor as transformações ocorridas na educação e na profissão do docente, muito bem definidas principalmente na obra de Carlos Libâneo, por que ele fala das políticas, estrutura e organização da educação escolar e também da evolução e importância do pedagogo para a educação.

Buscar-se-á também evidenciar questões relacionadas com a violência no ambiente escolar, na sua estrutura física, na relação professor-aluno, dentro deste novo contexto social, conhecendo as causas e formas de como esta se configura, visualizando os métodos, medidas e soluções para prevenção e/ou combate, avaliando situações para melhor entendimento do problema dentro das entidades escolares, e indicando possíveis soluções para tais questões, com base na colaboração da equipe pedagógica, dos pais, dos alunos e da comunidade. Além

disso, serão questionadas a importância da família junto à escola para uma melhor educação e formação dos alunos.

Para comprovar todos os dados a serem expostos, foram realizadas observações em determinada escola de Salvador, onde também foram aplicados questionários aos professores, aos alunos e à equipe gestora, para assim, na prática, comprovar as teorias dos autores, e chegar a possíveis conclusões, se os métodos utilizados pela escola têm alguma fundamentação e resolução do problema.

2 CONCEITO DE VIOLÊNCIA

O termo violência pode ser compreendido de várias maneiras pelas pessoas. Além disso, há muitas denominações também acerca do assunto. Sendo assim, torna-se fundamental a sua delimitação teórica.

Etimologicamente, violência significa “*violentar, agredir...*”, ou ainda, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, significa “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”. No aspecto jurídico, o mesmo dicionário define o termo como o “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”.

A violência nas escolas pode estar associada a vários fatores, por exemplo, a forma como a equipe pedagógica atende os alunos, o ambiente onde a escola está inserida e o contexto familiar. Cada um destes temas serão tratados no capítulo posterior, no qual também serão definidas as constantes formas de violência ocorridas não apenas na escola como na sociedade como um todo.

Segundo Abramovay (2006, p. 79), o assunto é bastante vivenciado no ambiente escolar, tanto pelos alunos como pelos professores. O tipo mais frequente de violência é a verbal, isto porque ela atua de forma direta e impulsiva entre o ouvinte e o agressor, podendo ocorrer, em algumas ocasiões, como consequência, a agressão física. Nas visitas realizadas a uma determinada escola, pode-se observar que os alunos brigavam constantemente por motivos banais, e atormentavam os docentes a todo instante, com reclamações bobas como um colega que pegou o lápis ou a borracha sem a sua permissão do outro, ou porque um colega falou mal do outro, ou alguém que furou a fila, etc. Sendo assim,

a defesa por conceito ampliado de violência se fundamenta numa compreensão do fenômeno como algo intrinsecamente relacionado ao contexto social, histórico, cultural em que ele se dá. Com a vantagem de poder abarcar ações, comportamentos e processos diferenciados que envolvem sujeitos distintos (alunos, professores, moradores da comunidade, etc.) e a própria instituição escolar. Assim não são apenas os episódios graves e espetaculares – como homicídios, porte e uso de armas – que são compreendidos como violência, mas também conflitos, comportamentos e práticas institucionais incorporadas ao cotidiano dos estabelecimentos de ensino (ABRAMOVAY, 2005, p. 79).

Nas escolas, cujos casos de violência são constantemente vivenciados pelos alunos, a aprendizagem torna-se bastante comprometida, onde os alunos vivem em clima de constante pressão, principalmente psicológica. Conseqüentemente, muitos acabam perdendo o estímulo em continuar frequentando a escola. Tanto alunos, quanto professores tornam-se desmotivados, devido a questões de comportamento em sala de aula, inclusive pelo fato de estes passarem a maior parte do tempo da aula reclamando e até separando brigas entre alunos. Os professores também reclamam da dificuldade de aplicar o conteúdo planejado para aquela determinada aula, diante da indisciplina de alguns alunos.

Segundo Aquino (1996, p. 81), as escolas precisam adaptar seus métodos e o funcionamento das aulas às transformações ocorridas na sociedade atual, associando estes métodos ao cotidiano escolar, adequando as práticas educativas à realidade desses alunos. Como são os professores que trabalham diretamente com estes estudantes, obedecendo a regras que são impostas pelas instituições, estes, por sua vez, não as cumprem por estarem condicionados a viverem em ambientes onde algumas normas de convivência não são seguidas. O autor afirma também que

é preciso construir práticas organizacionais e pedagógicas que levem em conta as características das crianças e jovens que hoje frequentam as escolas. A organização do ano escolar, dos programas, das aulas, a arquitetura dos prédios e sua conservação não podem estar distantes do gosto e das necessidades dos alunos, pois, quando a escola não tem significado para eles, a mesma energia que leva ao envolvimento, ao interesse, pode transforma-se em apatia ou explodir em indisciplina e violência (AQUINO, 1996, p. 81).

Reafirmando o que já disse anteriormente, o número de casos de violência vem crescendo assustadoramente, neste momento atual, no entanto, muitas discussões já estão acontecendo neste sentido, e muitas escolas já estão voltando suas práticas pedagógicas para tentar conter os casos de violência dentro das instituições escolares. Percebe-se também que muitos estudiosos do assunto apontam algumas questões para esta problemática.

2.1 TIPOS DE VIOLÊNCIA

Falar sobre os diversos tipos de violência existentes em nosso cotidiano, não é algo difícil, tão pouco complicado. Isto porque, elas não se resumem apenas em palavras, mas em ações e atitudes diversas, que se fazem presente cada vez mais na sociedade. Existem algumas modalidades de violência conceituadas como violência física, que é o ato praticado contra alguém e ocasionada, muitas vezes, por brigas, quando o agressor agride fisicamente sua vítima; violência verbal, que surge de ameaças verbais, quando as palavras tornam-se algo tão agressivo quanto a própria violência física, pois fere diretamente o ouvinte; violência contra a propriedade, que são atos de vandalismo, quando o agressor rouba ou furta a propriedade alheia; violência institucional, que pode se manifestar dentro de qualquer instituição pública ou particular, onde o agressor comete atos de vandalismo, sem se incomodar com o patrimônio alheio. Assim, desdobrando cada tido de violência, pode-se compreender melhor, como e porque isto acontece.

No caso da violência física, nas escolas ela se manifesta entre alunos ou entre alunos e professores. Pode ainda ocorrer entre pais de alunos, manifestando suas insatisfações contra a equipe gestora e professores. Por exemplo, quando os alunos sentem-se ofendidos, quando os adultos não satisfazem suas vontades, ou quando os fatos não acontecem como planejados. Dessa forma, as ameaças podem ocorrer de fato, ou simbolicamente, apenas para causar algum impacto. Em escolas onde existe um alto índice de violência e, principalmente na comunidade, a equipe escolar evita confrontos diretos com esses alunos, para não sofrerem repressões. Segundo a professora X:

Porque eu reclamei com uma aluna, esta comentou em casa com a mãe, que no dia seguinte compareceu a escola totalmente descontrolada, acredito que estava drogada, pois me agrediu verbalmente e tentou atirar o controle da televisão em mim, o gestor que estava presente no momento foi quem á segurou e pediu que ela se retirasse da direção e voltasse em um outro momento mais calmo para conversar. No dia seguinte fui à delegacia dar queixa do ocorrido, já teve duas audiência e a mãe não compareceu a nenhuma das duas, estou esperando para saber que punição terá esta mãe, porque a lei só beneficia os alunos, e nós professores como ficamos nesta situação?

As brigas costumam ser o tipo de violência mais comum nas escolas. Muitas escolas, inclusive, não possuem boas estruturas para atender seus alunos, um exemplo disso ocorre nos intervalos de aula, porque os alunos não possuem espaços ou áreas adequadas para brincar e se movimentar. Além disso, em algumas escolas, o intervalo também reúne todos os alunos em um único espaço, podendo ocasionar, assim, constantes casos de violência, no momento em que deveria ser apenas de socialização e de lazer, transformando-se em verdadeiros “campos de batalha”, porque os alunos acabam associando à diversão, a agressão física contra o outro, muitas vezes inspirados em desenhos animados que estes assistem na televisão, ou em jogos de vídeo game que veiculam conteúdo violento.

Algumas escolas tomam a iniciativa de separar o intervalo de aula dos alunos da educação infantil, dos alunos das turmas de outros níveis, no intuito de diminuir os atos de violência durante esse momento. Contudo, elas ainda continuam preservando a mesma estrutura. Sendo assim, sem recursos para investir no lúdico das crianças, conseqüentemente, a violência tende a continuar presente neste momento, que deveria, reafirmando, ser apenas de descontração. O que deveria ser para os alunos diversão, acaba se tornando um grave problema para professores, pais, gestores e, inclusive, para os próprios alunos.

Além da violência contra o outro, que pode ser o aluno, o professor, ou qualquer outro funcionário da escola, existe outra forma de violência muito comum nas escolas: a violência contra a propriedade, principalmente naquelas localizadas em áreas onde existe um crescente aumento da criminalidade. Este fato faz com que a própria instituição escolar oriente seus alunos a não levarem objetos de valores para a escola, pois ela não que assumir a responsabilidade pelos materiais e objetos dos alunos. Por outro lado, a própria escola costuma ser bem cuidadosa com seus objetos eletrônicos e materiais de uso dos professores e funcionários, que costumam guardá-los em locais protegidos por grades e cadeados.

Configura-se também como violência contra o patrimônio, o vandalismo, que ocorre quando os alunos não furtam nem roubam pertences alheios, e sim, quando eles causam danos na estrutura física da escola e/ou nos seus equipamentos como portas, carteiras, paredes, etc.; danificando até mesmo, os bens particulares, como carros de professores e funcionários da escola.

Por fim, outro tipo de violência, frequente nas instituições escolares, é a causada pela imposição, pelo respeito às normas estabelecidas pela escola,

conhecida como violência institucional. Ela pode resultar de uma interpretação equivocada sobre autoridade, diante de uma estratificação de poder que existe em qualquer instituição escolar. Como por exemplo, a postura de superioridade que alguns professores e integrantes da equipe gestora fazem questão de apresentar para os alunos, a imposição de conteúdos aos alunos sem qualquer tipo de esclarecimento ou questionamento, a exagerada valorização de determinados conteúdos, tudo isso, pode também resultar em conflitos dentro de qualquer instituição pública ou particular, e no cometimento de atos de vandalismo, sem qualquer preocupação com o patrimônio alheio:

A cultura escolar, muitas vezes, se baseia em uma violência de cunho institucional, a qual se fundamenta na inadequação de diversos aspectos que constituem o cotidiano da escola – como o sistema de normas e regras muitas vezes autoritárias; as formas de convivência; o projeto político pedagógico; os recursos didáticos disponíveis e a qualidade da educação – em relação às características, expectativas e demanda dos alunos, o que gera uma tensão no relacionamento entre os atores sociais que convivem na escola. Nessa perspectiva, a violência escolar é compreendida como resultado das relações tensas e conflituosas estabelecidas entre os membros da comunidade escolar (ABRAMOVAY, 2003, p. 72)

Segundo Abramovay (2003, p. 72), a escola deveria ser inclusiva e democrática, mas se caracteriza como um maior espaço de reprodução das desigualdades. A instituição escolar precisa se adequar a esta nova classe de alunos, ficar atenta à massificação dos seus espaços, que é um dos principais fatores das desigualdades e ao elevado número de alunos que possuem valores e culturas diferentes. Com todos estes problemas ocorridos dentro do ambiente escolar, os alunos acabam desqualificando os professores, atribuindo-lhes a responsabilidade pelos possíveis fracassos, questionam-se constantemente sobre a aplicabilidade do conhecimento adquirido na escola, se vai influenciar na sua vida cotidiana e na sua vida profissional ou não, e, muitas vezes, rebelam-se contra as normas estabelecidas pela própria escola.

Por outro lado, mesmo não sendo os únicos responsáveis pelo problema da violência na escola, os professores precisam reconhecer que os alunos de hoje são diferentes dos alunos de ontem. Atualmente, os alunos podem adquirir conhecimento através de vários meios de comunicação, como a própria Internet, que vem chegando às escolas, trazendo uma grande bagagem de conhecimentos, e

que, por isso, os professores devem, cada vez mais estar atualizados e preparados para esta nova geração de alunos.

Apesar da contribuição que os meios de comunicação trazem para a educação, eles podem ser responsáveis pelo desprestígio que a escola vem tendo por muitos alunos, que erroneamente acreditam que não precisam mais da escola para adquirir conhecimento, como se esse fosse o único e mais importante papel que a escola tem. Hoje, muitos jovens têm acesso fácil ao conhecimento, através de jornais, da televisão, da Internet, como já foi dito, mas muitas dessas informações contêm violência explícita, são tendenciosas, portanto, precisam ser discutidas, para não serem apenas reproduzidas, sem qualquer questionamento. Os desenhos animados e jogos eletrônicos violentos também são responsáveis pelo aumento da violência entre os jovens, quando não nenhum tipo de orientação, seja dos pais, seja dos professores. A inversão de valores, a falta de conscientização dos deveres do cidadão, fazem com que os jovens percam a noção de respeito ao próximo e o cumprimento das normas de boa convivência, dentro da escola, em casa, ou na própria comunidade. Enfim, todos estes fatores auxiliam para que a violência entre as crianças e jovens cresçam cada vez mais.

Nos próximos capítulos, serão abordadas questões como: O que a violência tem a ver com a escola? Como formar o docente para trabalhar com a violência? Como se dá a relação dos professores com os alunos? e Qual o papel da família no processo de educação dos seus filhos? Tudo isso, para assim compreender o processo de formação do alunado no contexto da globalização.

3 ESCOLA E VIOLÊNCIA

Quando pronunciadas estas duas palavras, escola e violência, logo percebe-se que ambas possuem sentidos opostos, pois escola, numa visão global, é o local onde o ser adquire e constroem seu conhecimento, já a violência, é o ato contra a integridade de algo ou de alguém. Atualmente, observa-se que é, cada vez mais frequente, os atos de violência dentro das instituições escolares, cometidos pelos alunos, e a violência institucional, causada pela equipe escolar.

Dentro do processo histórico da educação no Brasil, é fato que ela era um privilégio apenas da elite, que aos poucos foi sendo oferecida também para as outras camadas da população. Entretanto, este crescimento na oferta do ensino, resultou na sua perda de qualidade, sendo que hoje pode-se dizer que a educação está disponível para todos, mas uma escola que oferece uma educação de qualidade ainda é somente para a elite, isto é, para quem pode pagar por essa qualidade. A educação era gratuita, mas nos tempos atuais quem quer ter qualidade no ensino tem que pagar caro por este serviço, que, constitucionalmente, é um direito de todos. Se os docentes antes eram respeitados e venerados pelos seus alunos, hoje, eles são ameaçados em sala de aula e violentados por seus alunos.

Segundo Abramovay (2003, p. 25), o termo violência esta muito presente nos comportamentos das pessoas, sendo que a todo instante alguma forma de violência é presenciada. A depressão e o estresse, hoje, também são os grandes responsáveis por atos de violência, em situações como no trânsito das grandes cidades, resultando em agressões verbais e físicas cometidas não só pelos jovens como também pelos adultos, agressões aos patrimônios públicos ou particulares, sem se esquecer dos abusos de poder exercidos por integrantes de algumas instituições. Todos estes aspectos vêm destruindo as relações de convivência e de confiança entre as pessoas:

Como a violência é dinâmica, ela não se reduz à sua estrutura utilitária porque os efeitos de ruptura aparecem para contestar a ordem estabelecida pela instituição. A escola pode conseguir a “paz dos cemitérios” quando os alunos fazem suas cópias, mas não pode se iludir pensando que, ao mascarar os conflitos ela os elimina. Pelo contrário, quanto maior for à violência da instituição na tentativa de impor uma pacificação ao ambiente, maiores serão as explosões das ‘ilegalidades’ dos alunos que tentarão, através das diversas

modulações de violência, quebrar o processo de atomização escolar (GUIMARÃES, 1996, p. 92).

Todos os dias, em qualquer horário, situações de violência na sociedade como um todo, mas principalmente nas escolas, têm sido cada vez mais acompanhadas com frequência, sem falar naqueles casos mais graves que são mostrados pela mídia em geral. Isso tem levado à sociedade ao questionamento sobre o que vem acontecendo nas escolas, com os seus alunos e seus professores, com a educação como um todo, e, no decorrer do trabalho, serão levantadas outras possíveis explicações para o crescente aumento da violência no ambiente escolar.

3.2 O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA NO CONTEXTO ATUAL

Na presente década, a profissão de docente vem sofrendo profundas modificações, uma delas é a luta por uma educação pública de qualidade e melhores condições de trabalho para os professores. Para que isto se concretizasse, surgiram os sindicatos que lutam juntos com eles por seus direitos e maior reconhecimento da profissão. Diante de todas estas conquistas, a educação passou a ser considerada uma solução para a emancipação social, na qual os trabalhadores possam adquirir melhores trabalhos, favorecendo assim a economia do país. Com todas estas mudanças na educação, fez-se necessário algumas outras modificações, com isto foram elaboradas as reformas educacionais, como as diversas formas de planejar, ensinar e avaliar a educação no país.

Por outro lado, as transformações ocasionadas pelas reformas educacionais exigiram uma maior qualificação dos docentes e de todos os profissionais da educação. Fazendo com que estes possuíssem longa carga horária de trabalho, sem tempo para planejar as suas atividades, gerando uma sobrecarga de trabalho, estendida para casa, muitos tendo que conciliar as atividades domésticas com as atividades profissionais, além das péssimas condições de trabalhos e de salários, que não condizem com as suas necessidades.

Como afirma Libâneo (2003, p.53), o processo de globalização vem ocasionando grandes mudanças na educação escolar. O educador de hoje precisa ser “flexível e polivalente”, ou seja, associar sua prática educativa às várias áreas do

conhecimento, tais como os avanços tecnológicos e a informática, que causam grande fascínio nos estudantes. Por isso, reforça-se a idéia de que a escola não é mais a única instituição responsável pela propagação e transmissão do conhecimento:

Como instituição social educativa, a escola vem sendo questionada acerca de seu papel ante as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo. Elas decorrem, sobretudo, dos avanços tecnológicos, da reestruturação do sistema de produção e desenvolvimento, da compreensão do papel do Estado, das modificações nele operadas e das mudanças no sistema financeiro, na organização do trabalho e nos hábitos de consumo. Esse conjunto de transformações está sendo chamado, em geral, de globalização. (LIBÂNEO, 2003, P.53)

Nesta perspectiva, os professores são obrigados a se especializar, muitas vezes com recursos próprios, para assim adquirirem alguns benefícios principalmente na melhoria de seus salários, para exercerem um melhor trabalho, visando conseqüentemente o desempenho satisfatório dos alunos. Entretanto, existe um outro dilema muito comum no cotidiano dos professores: a desmotivação e a falta de expectativa na profissão. Mesmo com toda formação que este profissional tenha adquirido, muitos ainda não se sentem preparados para algumas situações em sala de aula, ocasionadas pelas mudanças ocorridas no ensino, na família e em toda a sociedade. Outra questão é o preconceito sofrido pelos próprios docentes na escolha da profissão e pela sociedade em geral, que costuma criticá-los o tempo todo, enxergando-os apenas como um mero detentor de conhecimentos:

Se, por um lado, a democratização do acesso à escola é desejável e positiva, em si, por outro, engendra uma série de movimentos que forçam a escola se reposicionar e a mudar, a fim de atender as demandas das novas clientela que passaram a frequentar os estabelecimentos de ensino. Vale lembrar que, até não muito tempo atrás, somente as elites tinham acesso à educação formal. Mas, hoje, ao invés de funcionar como um meio de inclusão, a escola se depara com desigualdades e acaba por reforçá-las. (ABRAMOVAY, 2006, P.79).

Para Abramovay (2006, p.79), algumas mudanças também foram exigidas às instituições escolares, nas quais suas propostas pedagógicas tiveram de ser elaboradas com a participação da equipe escolar, pais de alunos e comunidade, para que a integração entre escola e comunidade acontecesse. Estas transformações no gerenciamento escolar modificaram a relação professor-aluno, a forma como o docente deve tratar e avaliar estes alunos, modificando assim algumas formas de comportamento. Devido às novas tecnologias, principalmente a Internet, que possibilita a rapidez com que os jovens adquirem estas informações, os alunos vêm constantemente desrespeitando os professores em sala de aulas e estes por sua vez se sentem despreparados para lidar com estas situações.

Muito dos comportamentos agressivos dos jovens está relacionado a várias causas, como: castigos exercidos pelos pais; falta de atenção; falta de um modelo de organização oferecido pela sociedade, para que estes jovens sintam-se incluídos; estratégias de punição utilizadas pelas escolas, para corrigir os atos de indisciplina dos alunos. Eles têm pleno conhecimento das atitudes violentas ocorridas na escola e principalmente na sociedade, já que os meios de comunicação não fazem nenhuma ressalva em escondê-los. Portanto, torna-se necessário possibilitar alternativas que contribuam na formação e na qualificação dos educadores, possibilitando técnicas para transformar o comportamento agressivo e assim, talvez, extinguir a violência existente nas escolas.

O fato de os jovens desde cedo já conviverem com a violência, muitas vezes no próprio ambiente familiar, onde muitos são responsabilizados pelos fracassos, seja ele intelectual ou profissional, exercendo assim a violência psicológica, sem contar as agressões físicas sofridas e assistidas nas famílias entre os pais, muitas vezes, em decorrência do uso de drogas lícitas como o álcool, e ilícitas, bastante frequente principalmente entre as famílias mais carentes, precisam também ser levados em consideração, na busca de soluções contra a violência na escola.

Segundo Silva (1996, p. 62), todos estes problemas repercutem no desenvolvimento escolar desses alunos, e muitos pais jogam a responsabilidade na escola e principalmente nos professores para resolver os problemas dos seus filhos. Desta forma, a escola perde a sua real função, pois muitos pais não conseguem dar limites para seus filhos, querendo assim transformar a escola em uma clínica ou um centro de readaptação, função esta que, definitivamente, não é da escola:

Com o acirramento das contradições do capitalismo nestas duas últimas décadas e, em consequência, com as reverberações da crise econômica junto à população, a escola brasileira passou a desempenhar funções que, aos olhos de um analista mais crítico, fazem diluir a possibilidade de realização de suas finalidades primeiras. Dessa forma, uma instituição (escola) que deveria preocupar-se fundamentalmente com a transmissão/aquisição de conhecimentos, de técnicas e instrumentos de trabalho, de valores e normas de comportamento etc., visando à educação das novas gerações, assume para si, geralmente devido a imposições autoritárias, tarefas e obrigações que não se enquadram nos limites de sua especificidade (SILVA, 1996, p. 62).

As crianças que costumam vivenciar a violência quase que diariamente, acaba repetindo este comportamento com os colegas de forma natural, pois esta é a maneira que ela adotou para se defender do mundo. Diante de todas estas mudanças, mais uma vez reforça-se a idéia de que os educadores precisam estar cada vez mais preparados para esta nova geração de alunos. As universidades, por outro lado, precisam também preparar melhor os futuros professores, pois o ensinar a ler e a escrever, ou a realizar operações matemáticas, não é o suficiente para ser um bom educador.

As mídias exercem grande influência sobre a violência social no sentido da sua banalização. A violência, então, torna-se um negócio muito lucrativo e de grande aceitação na sociedade atual, sendo a televisão, o meio de comunicação mais comumente utilizado pelas pessoas, no intuito de se adquirir informação. Nas visitas realizadas em uma escola pública de Salvador, foi possível observar que a maioria dos alunos convivia constantemente com a criminalidade. Alguns diziam, inclusive, que raríssimas vezes saiam do bairro. Suas opções de lazer reduziam-se a brincadeiras na própria rua onde moravam, com exceção quando havia conflitos entre os traficantes; ou assistir vídeos em DVD, noticiários e novelas na televisão. Outra forma de lazer, segundo eles, era frequentar a praça com a mãe ou o pai, que muitas vezes, aproveitavam também para ingerir bebidas alcoólicas ou jogar com os amigos. Iam com pouquíssima frequência à praia.

Tudo isto serve para comprovar que a televisão torna-se quase o único meio de diversão destas famílias e que, na maioria das vezes, é diante dela que as pessoas alimentam-se, conversam, estudam, ou seja, realizam todas suas atividades:

As condições que os meios de comunicação provocam deixam latente um problema fundamental da sociedade brasileira: o consumismo como uma necessidade generalizada ignora desigualdades de acesso aos bens de consumo. Essa necessidade, ainda que não se ajuste, na visão dos jovens, à realidade da maioria, emerge de forma angustiante nos que não possuem e nos que possuem bens em abundância.

Segundo Minayo (1999, p.145), as propagandas exercem grandes influências na sociedade, pois através dela tem-se o conhecimento dos novos produtos lançados no mercado. Elas acabam causando grande fascínio, em especial nos jovens, porque para muitos é mais significativo a marca que estes produtos possuem do que exatamente sua qualidade, durabilidade e conforto. Todo este estímulo ao consumo desperta em todos, até mesmo naquelas pessoas que não têm o poder aquisitivo necessário para tal, o desejo em adquirir determinado produto, conseqüentemente causando assim, diante da frustração ao constatar a impossibilidade de possuí-los, a exclusão de alguns jovens em participar de determinados grupos.

Como afirma Libâneo (2005, p.27), apesar de a televisão ser um grande meio de comunicação, não se deve generalizar, pois assim como ela é a fonte de informação mais utilizada pelas pessoas, ela não pode ser acompanhada ser uma orientação dos pais, que podem aproveitar o momento em que a família está diante dela, para estabelecer uma aproximação maior com seus filhos, no entanto, o que infelizmente ainda se observa é que muitos pais passam horas diante da televisão com o filho do lado sem proporcionar nenhum tipo de diálogo com ele sobre o que está sendo veiculado. Percebe-se então o caráter duplo da televisão: assim como ela aproxima as pessoas através de um determinado acontecimento, ela também afasta-as pelo seu poder de sedução:

Ocorrem ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados, em instituições não-escolares. Há intervenções pedagógicas na televisão, no rádio, nos jornais, na revistas, nos quadrinhos, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guia de turismo, mapas, vídeos e, também, na criação e elaboração de jogos, brinquedos. A mídia atua na modificação de estados mentais e afetivos das pessoas não apenas pela propaganda, mas também

disseminando saberes e modos de agir nos campos econômico, políticos, moral, veiculando mensagens educativas, relacionadas com drogas, preservação ambiental, saúde, comportamento social etc. (LIBÁNEO, 2005, p. 27).

Diante disso, mais uma vez é fundamental reforçar a ideia de que os educadores necessitam de uma melhor formação para dar conta da complexidade existente nas salas de aula, principalmente diante dos casos de violência cada vez mais frequentes e assustadores. A escola, juntamente com seu grupo pedagógico, não deve apenas se preocupar com a formação de conteúdo do aluno, mais também com a formação de caráter e de comportamento cidadão, abolindo os comportamentos agressivos destes, agindo de forma ativa e não reativa, examinando as causas da violência entre seus alunos, através de observações na sala de aula, na relação destes alunos com as famílias e no intervalo de aula, e assim junto com a família tentar solucionar estes comportamentos.

3.3 A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA

A família é a primeira instituição social na qual a criança e o adolescente fazem parte, é o primeiro grupo de socialização. Isso significa que a maneira como os pais educam seus filhos acaba exercendo grande influência no desenvolvimento psíquico e social deles e, conseqüentemente, na forma destes se comportarem na escola. Aquino (1996, p. 98) define três estilos de práticas educativas dos pais: a dos pais autoritários, que ele define como aqueles que têm pouca comunicação com os filhos, não lhe dão carinho, e são bastante exigentes e controladores; os pais permissivos, que são os que valorizam a opinião dos filhos, são carinhosos, porém têm muitas dificuldades em manter o controle com seus filhos; e por fim, os pais democráticos, que exercem pleno controle e disciplina sobre seus filhos, conduzindo-os com amor e atenção. Conseqüentemente, cada modelo de pais podem ocasionar conseqüências diferentes aos filhos:

As conseqüências de cada um destes estilos no comportamento da criança são bastante significativas: as que recebem uma educação familiar autoritária tendem a manifestar, entre outros aspectos,

obediência e organização, mas também maior timidez, apreensão, baixa autonomia e auto-estima. [...] Os filhos de pais permissivos, apesar de mais alegres e dispostos que aqueles que recebem uma educação autoritária, devido às poucas exigências e controle de seus pais, tendem a apresentar um comportamento impulsivo e imaturo, assim como dificuldade em assumir responsabilidades. Já os que recebem uma educação democrática, além de apresentar significativo autocontrole, auto-estima, capacidade de iniciativa, autonomia e facilidade nos relacionamentos, tendem a demonstrar que os valores morais difundidos em sua família foram interiorizados: parecem ser capazes de assumir determinadas posturas por seus valores intrínsecos e não pelo temor às sanções externas (AQUINO, 1996, p.98)

Os professores acreditam que o bom rendimento dos seus alunos é resultante da participação e acompanhamento dos pais na vida escolar dos seus filhos, e que a desestruturação das famílias, e do não envolvimento destas na vida escolar de seus filhos tem grande responsabilidade no insucesso escolar deles. Muitos pais, principalmente os que, quando vêm à escola, desconhecem até mesmo o nome da professora e a série a qual seu filho está cursando, costuma procurar a direção e perguntar pelo filho (a), sem estas informações, conforme relata uma professora do 2º ano do ensino fundamental I. Esta é a maior prova do descaso destes pais perante seus filhos:

Neste sentido, a estruturação escolar não poderá ser pensada apartada da família. Em verdade, são elas as duas instituições responsáveis pelo que se denomina educação num sentido amplo. Só que o processo educacional depende da articulação destes dois âmbitos institucionais que já se justapõem. Antes, são duas dimensões que, na melhor das hipóteses, complementam-se, articulam-se. (AQUINO, 1996, P. 46).

Segundo Aquino (1996, p. 46), o impasse entre pais e escola ainda é bastante frequente, as famílias tendem a acusar os professores pelo fracasso escolar de seus filhos, e os professores, em contrapartida, acusam-nos pelo fracasso dos mesmos. Nesta nova constituição de família, com famílias constituídas apenas pela mãe, outra apenas pelo pai, algumas por mãe e padrasto e pai com madrasta, outras que têm os tios, os avós, ou outros parentes como responsáveis pela educação destas crianças e jovens. Neste sentido, é preciso também que rompam com este preconceito, de que as famílias que estão fora de sua concepção tradicional

(constituída por pai, mãe e filho ou filhos) e a falta de escolaridade que muitos possam ter, sejam as causas da indisciplina, do mau desempenho e da violência entre os alunos. Isto acaba contribuindo no distanciamento entre a escola e os pais, dificultando assim o diálogo entre ambas as partes.

Alguns professores acreditam que o bom aluno é aquele que faz as atividades escolares, tem uma boa convivência com seus colegas, respeita os funcionários, a gestão e o professor. No entanto, eles esquecem que muitos alunos apresentam atos indisciplinados, não apenas por falta de educação, mais por carência, e muitas vezes como uma forma de defesa, por medo, ou para chamar a atenção que ele não recebe dos seus familiares. Por isso, reforça-se a importância de os professores desconstruírem conceitos antigos, construindo desta forma novas metodologias, para se relacionar com este novo aluno:

Chegamos, assim, a um impasse: a educação, no sentido lato, não é de responsabilidade integral da escola. Esta é tão-somente um dos eixos que compõem o processo como um todo. Entretanto, algumas funções adicionais lhe vêm sendo delegadas no decorrer do tempo, funções estas que ultrapassam o âmbito pedagógico e que implicam o (re) estabelecimento de algumas atribuições familiares.(AQUINO, 1996, .46)

Para Aquino (1996, p. 46), a escola e os professores não podem ser responsabilizados pelos fracassos vivenciados pelos discentes. Sufocados em meio a tantas crises e exigências, num mundo de esperanças em relação à escola e à atividade docente, esses professores, apesar das muitas dificuldades experimentadas, têm contribuído de forma significativa, para o processo educacional, embora ainda muito precisa ser feito.

A escola, juntamente com sua equipe pedagógica, precisa compreender que cada aluno é um ser único, e que é impossível obter homogeneidade em uma sala de aula. Sendo assim, ela escola deve buscar soluções para o impasse entre escola e família, atraindo-as para participarem do processo formativo dos seus filhos, sem excluir aqueles que estão fora do padrão desejado ou idealizado pelos educadores e pela sociedade, aprendendo, assim, a conviver com a heterogeneidade dos seus alunos e suas famílias:

A escola é encarada pela sociedade das mais diversas formas. Para os idealistas é uma instituição idônea para a formação do caráter e preparação para a vida. Para os céticos e para os que têm uma visão reprodutivista da realidade, trata-se de uma instituição que deveria ser denunciada pela função de perpetuar o status quo da dominação e da desigualdade. Para outros, menos pessimistas e mais realistas, ela ao mesmo tempo reflete as condições sociais e terá a potencialidade de contribuir para transformá-las na medida em que se dedicar ao crescimento e desenvolvimento das crianças, jovens e adolescentes. (...) O papel que a escola desempenha é considerado socialmente fundamental, e nunca essa convicção foi tão forte na sociedade brasileira, em todas as classes sociais, tendo em vista a necessidade da educação formal para atender as novas exigências do mercado de trabalho e de atuação no mundo globalizado.(MINOYO, 1999, p.107).

Para Minoyo (1999, p. 107), mesmo com todas essas dificuldades enfrentadas pelas escolas e pelas famílias, a escola ainda é vista pelas famílias e pela sociedade, como o local responsável pela instrução e educação de seus filhos, pois estas acreditam que, através da escolarização, seus filhos poderão ter uma condição de trabalho melhor que eles, com maiores possibilidades de ascensão social.

3.4 A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO E ALUNO PROFESSOR

Diante de tantas atribuições delegadas aos professores, estes ficam cada vez mais estressados e desmotivados com a educação, e com estes novos modelos de alunos. Observa-se que alguns pais e a própria sociedade esperam que as escolas exerçam a função de clínica, hospitais, reformatórios e centro de terapias psicológicas. Todos estes fatores vêm afastando e ao mesmo tempo aproximando, em especial os professores, porque eles são quem tem um contato mais próximo com os alunos.

Ainda de acordo com Abramovay (2006, p. 102), muitos docentes procuram não se envolver com os problemas dos seus alunos, se afastando o máximo, exercendo apenas a função pedagógica, não se importando com a vida particular de

seus alunos, pois estes já têm muitas atribuições ocasionadas pela sua profissão, na escola, como também as atividades extras curriculares:

São diversos os fatores que influenciam negativamente o relacionamento entre alunos e professores. Alguns da ordem das interações sociais, outros são estimulados pela organização da escola e um terceiro elenco pela própria estrutura da sociedade.(ABRAMOVAY,2006, p. 102)

Segundo Aquino (1996, p. 79), os discentes reclamam dos seus alunos, da escola e dos pais, não modificando as suas praticas pedagógicas, gerando muitas vezes frequentes de reclamações e insatisfações, de todas as partes, dentro do ambiente escolar. O professor então precisa aprender a trabalhar com a complexidade da sua sala de aula, e desenvolver métodos que atendam às necessidades dos seus alunos:

O professor imagina que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranqüilidade da permanência neste lugar. Ao mesmo tempo em que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo, pois se, de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, de outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida.(AQUINO, 1996, p.79).

Os alunos sentem e reclamam do distanciamento que alguns professores mantêm, e muitos querem que o docente exerça a função dos pais, de amigo e de protetor. Esta forma de comportamento que eles não acham em casa junto a seus familiares, é talvez a causa de alguns atos de violência e de indisciplina nas salas de aula e no ambiente escolar. Em conversa com uma professora da escola X, uma escola pública, que se aposentou no mês de outubro de 2010, ela relata:

Eu comecei minha vida profissional em sala de aula e estou me aposentando em sala de aula, mas te digo que nestes 33 anos de trabalho nunca tive alunos como os de cinco anos para cá, eles não

respeitam ninguém, não tem limites. Eu só sinto em sair da escola agora por causa da minha turma do noturno na qual amo trabalhar com eles. Se eu fosse jovem e estivesse começando minha vida profissional agora eu te juro que mudaria de profissão, e aconselho vocês que estão chegando e que são jovens a reverem sua formação, em estudar investir em cursos para não trabalhar em sala de aula. Porque nenhum professor terá estrutura física e principalmente psicológica para trabalhar com essa nova geração de alunos por muito tempo. Eu optei pelo magistério por amor a profissão e trabalhei com amor, mas hoje não teria condições alguma de continuar lecionando. (PROFESSORA X).

Observa-se, na fala desta professora, o desencanto dela, depois de tantos anos trabalhando como professora e destas novas gerações de alunos, mas, por outro lado, também ressalta sua paixão pela profissão, e que não foi coincidência o fato de tê-la exercido por tantos. Além do seu carinho pelos alunos do SEJA (Seguimento de Educação de Jovens e Adultos), onde recebeu muitos benefícios, muitos alunos tornaram-se seus amigos, principalmente porque ela morava muito próxima à escola onde trabalhava.

Por isso, a preocupação para que o docente tenha uma boa formação, de que esteja apto a trabalhar com estes novos alunos, que chegam às escolas cheios de conhecimentos e de esperanças, mas também cheios de problemas, buscando alguém que os ajudem e deem uma solução. Falando sobre educação, ninguém está isento dela, o que se questiona é a forma como ela vem sendo transmitida.

Para Libâneo (2005, p. 26), as formas com as quais os jovens estão se educando, ou seja, adquirindo conhecimento, são questionáveis. A informação vem de todos os setores da sociedade seja ela da escola, da televisão, do rádio ou da Internet, o problema é o tipo de informação, e de como ela está sendo absorvida e interpretada, principalmente pelos jovens estudantes. Por isso, o despreparo de muitas escolas para trabalhar com esses jovens, que apesar de terem alguns conhecimentos, não sabem muitas vezes administrá-los, sendo vistos como alunos indisciplinados, e a escola, por sua vez, acaba usando métodos repressivos para com os alunos que só querem ser ouvidos. Sendo assim, a escola precisa compreender que a educação é algo transitório tal como a sociedade:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todas nós envolvemos pedaço da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante. (LIBÂNEO, 2005, P.26).

Ainda segundo Libâneo (2005, p.73), algumas escolas ainda se utilizam de métodos arcaicos, que não condizem com a realidade do aluno, por isso, mais uma vez defende-se a necessidade de os professores estarem sempre atualizados e acompanhando as informações apresentadas pelas mídias, utilizando destes mecanismos para um melhor desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula:

A ação educadora seria, pois, a transmissão às crianças, aos jovens e adultos, de princípios, valores, costumes, idéias, normas sociais, regras de vida, às quais precisam ser adaptados, ajustados. Educar-se para que os indivíduos repitam os comportamentos sociais e esperados pelos adultos, de modo que se formem a imagem e semelhança da sociedade em que vivem e crescem [...]. A educação é vista como algo que se repete que se reproduz algo sempre idêntico e imutável (LIBÂNEO, 2005, p.73).

Alguns professores se utilizam da autoridade que lhe é dada para reprimir e até castigar os alunos, por causa dos comportamentos indisciplinados, ao invés de buscarem entender e solucionar os problemas na sala de aula, sem o uso de métodos arcaicos, que muitas vezes só contribuem ainda mais para o aumento da violência e de comportamentos inaceitáveis pela instituição escolar.

Segundo Aquino (1996, p.79), em alguns casos não bastam apenas ter autoridade, ou pulso firme para que uma classe de alunos esteja no padrão de disciplina estabelecido pela escola, mas que os professores também sejam mais dóceis e atentos aos seus alunos, enxergando o que pode ser mudado para melhorar o aprendizado e até o comportamento agressivo, mesmo sabendo das dificuldades enfrentadas por eles, enquanto profissionais, mudanças estas que certamente podem beneficiar ambas as partes, assim, a convivência e a relação professor-aluno será de fato a melhor possível:

O grande problema talvez esteja no fato de o professor se concentrar apenas na sua posição normalizadora achando que, com isso, ele conseguirá eliminar os conflitos. Mas, as efervescências da sala de aula marcada pela diferença, pela instabilidade, pela precariedade, apontam para inutilidade de um controle totalitário, de uma planificação racional, pois os alunos buscam de modo espontâneo e não planejado o querer-viver que, por ser irreprimível, impede a instalação de qualquer tipo de autoritarismo. Quanto maior a repressão, maior a violência dos alunos em tentar garantir as forças que assegurem sua vitalidade enquanto grupo (AQUINO, 1996, p.79).

Além disso, as escolas precisam promover momentos nos quais os docentes possam interagir com seus alunos, dando-lhes oportunidades para que eles falem e sejam ouvidos sobre assuntos do seu interesse e que façam parte do seu cotidiano. Muitas escolas acabam só disponibilizam estes momentos em datas comemorativas como, por exemplo, no período do São João, no dia das crianças e no encerramento das atividades de fim de ano. Somente nestas festas os alunos têm a oportunidade de mostrar algumas habilidades e de realizarem atividades lúdicas, já que no decorrer do ano letivo as atividades são rotineiras e iguais sempre.

Outra conduta observada nas escolas refere-se os encontros nas salas de professores, onde muitos se reúnem exclusivamente para falar da vida dos seus alunos, dos seus familiares, da falta de disciplina e da deficiência do aprendizado por falta de acompanhamento em casa. Entretanto, eles poderiam também utilizar esses encontros para buscar soluções e criar projetos que visem a solução dos problemas de comportamento destes alunos, melhorando assim a relação entre ambos.

A indisciplina é outro fator determinante no prejuízo da comunicação entre os alunos e seus professores, mas também pode ser um sinal de que algo precisa ser mudado. Muitos destes alunos agem assim apenas para chamar atenção para si, no intuito de serem ouvidos, procurando muitas vezes algo que não encontram nas suas famílias, alguns são até espancados por familiares, e o professor, neste contexto, precisa estar atento a todos estes acontecimentos, para não deixar este aluno à margem da sala de aula e da relação destes com os colegas.

Para Abramovay (2006, p.109), a interação entre professores e alunos acaba sendo dificultada também pelas várias atividades exercidas por estes profissionais.

Alguns trabalham em dois ou três turnos, com turmas com o número excessivo de alunos, e com a indisciplina, que muitos consideram como a causa principal do problema. Com turmas indisciplinadas, professores estressados e preocupados em executar o planejamento elaborado para determinada aula, o bom trabalho, no final, acaba sendo comprometido:

Define todos estes fatores relacionados à relação aluno professor, no qual os alunos demonstram serem críticos à postura profissional e individual dos professores. Ressalta-se que, entre outros fatores, as falhas na formação, a falta de habilidades pedagógicas, as expectativas negativas e estereótipos acerca da figura do aluno, interferem na aprendizagem dos alunos e no desempenho dos professores, mostrando o choque entre a cultura escolar e a cultura juvenil. Percebe-se, ainda, como no cotidiano das relações se tem processos de exclusão dos alunos por meio de preconceito e de estereótipos. Também se discutem aspectos que contribuem para relações positivas, como a preocupação do professor em fazer a ponte entre conhecimentos e a cotidianidade dos jovens e a abertura para o diálogo, entre outro.(ABRAMOVAY, 2006, p. 109).

No próximo capítulo, serão apresentados os métodos utilizados pelos professores e pela gestão escolar para conter a violência no ambiente escolar e, dos recursos utilizados, qual a sua eficácia, para assim compreendermos a ação violenta de alunos e professores dentro da instituição escolar.

4 MEDIDAS ADOTADAS PELAS ESCOLAS PARA REPRIMIR OS ATOS DE VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Diante dos elevados números de casos de violência dentro da escola, este tema vem preocupando os órgãos de segurança pública e também a própria escola, assim, muitas vêm investindo constantemente no setor segurança e adotando medidas preventivas para proteger a escola e principalmente seus alunos.

Muitas das escolas públicas de Salvador localizam-se em áreas extremamente perigosas, daí a razão para elas serem transformadas em verdadeiras “fortalezas”. As escolas ficam protegidas por grades, muros altos e pela presença constante de seguranças nos portões de acesso da escola.

Outra medida adotada, muito simples, mas que ajuda bastante no controle de acesso a escola pelos alunos, é a exigência do uso do fardamento, evitando, desta maneira, a entrada de desconhecidos, vândalos, e até criminosos. Até mesmo nos projetos paralelos existentes na escola, como “O segundo tempo¹”, e as aulas de capoeira, entre outros, os alunos, que participam deles, devem trajar o fardamento para assim terem permissão de entrar na escola.

O Programa Segundo Tempo é mais um programa idealizado pelo Ministério do Esporte, destinado a democratizar o acesso à prática esportiva, por meio das atividades esportivas e lazer realizadas no contra-turno escolar. Tem a principal finalidade de colaborar para a inclusão social, bem-estar físico, promoção da saúde e desenvolvimento intelectual e humano, e assegurar o exercício da cidadania.

O programa caracteriza-se pelo acesso a diversas atividades e modalidades esportivas (individuais e coletivas) e ações complementares, desenvolvidas em espaços físicos da escola ou em espaços comunitários, tendo como enfoque principal o esporte educacional. O programa tem como público-alvo crianças e adolescentes expostos aos riscos sociais.

As escolas têm total autonomia para criarem suas próprias regras, desde que estejam em comunhão com as novas leis estabelecidas pelas Secretarias de Educação. Mesmo sendo conhecedor das regras existentes na escola, ainda assim,

¹ Disponível em: < portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo >

alguns alunos muitas vezes não as cumprem. Um exemplo de norma estabelecida na escola pesquisada era que todos os alunos só entrariam na escola se estivessem com o fardamento completo dado pela prefeitura. Mas, na prática, isto se tornou inviável, porque nem todos os alunos receberam, por exemplo, sapatos, por causa de erros na numeração, restando a estes entrarem na escola usando sandálias, até que a prefeitura mandasse os sapatos, que até o momento da visita a escola ainda não tinha recebido. Por este fato, a escola deixou de cumprir a tal determinação, adotando como punição mandar o aluno retornar para casa. Assim como esta, várias outras questões impedem a gestão de adotar medidas e cumprir algumas regras dentro do ambiente escolar.

Na escola analisada, com os alunos que se envolveram em casos de violência, ela busca junto com o professor, através de conversa individual com o aluno, tentar resolver o problema. Caso o aluno persista neste comportamento, ele leva um comunicado para os pais, para que estes compareçam à escola, caso contrário, ele não poderá voltar a frequentar às aulas. Estes são os casos que a escola, juntamente com sua equipe pedagógica, ainda conseguem resolver. Entretanto, existem casos que fogem da competência dos professores, da gestão e dos familiares, nestas situações, o conselho tutelar é acionado, o aluno juntamente com seu responsável são intimados a comparecer ao órgão, que tomará as decisões cabíveis para resolver o problema dele.

O Conselho Tutelar² zela por crianças e adolescentes que foram ameaçados ou que tiveram seus direitos violados. Mas zela fazendo não o que quer, mas o que determina o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) em seu artigo 136, nem mais (o que seria abuso) nem menos (o que seria omissão). Toda suspeita e toda confirmação de maus tratos devem ser obrigatoriamente comunicado ao Conselho Tutelar, que não pode ser acionado sem que antes o munícipe tenha comparecido ao serviço do qual necessita. O Conselho Tutelar não substitui outros serviços públicos (não é para isso que foi criado) e só deve ser acionado se houver recusa de atendimento a criança e ao adolescente. Ele é um órgão público do município, vinculado à Prefeitura e autônomo em suas decisões. É também um órgão não-judicial, ou seja, é uma entidade pública, com funções jurídico-administrativas, que não integra o Poder Judiciário. O artigo 132 do ECA determina

² Disponível em: <http://arcadenoe.ning.com/forum/topics/o-que-e-conselho-tutelar>

em cada município deve haver, no mínimo, um Conselho Tutelar composto por cinco membros, escolhidos pela comunidade por eleição direta para mandato de três anos, permitida uma recondução.

O Programa Segundo Tempo é mais um programa idealizado pelo Ministério do Esporte, destinado a democratizar o acesso à prática esportiva, por meio das atividades esportivas e lazer realizadas no contra-turno escolar. Tem a principal finalidade de colaborar para a inclusão social, bem-estar físico, promoção da saúde e desenvolvimento intelectual e humano, e assegurar o exercício da cidadania.

O programa caracteriza-se pelo acesso a diversas atividades e modalidades esportivas (individuais e coletivas) e ações complementares, desenvolvidas em espaços físicos da escola ou em espaços comunitários, tendo como enfoque principal o esporte educacional. O programa tem como público-alvo crianças e adolescentes expostos aos riscos sociais.

Outro método utilizado pela escola para diminuir os casos de violência, é trazer os pais para a escola, não só como voluntários apenas, como inclusive alguns já fazem parte do quadro de voluntários, mas também ser um aluno da escola, já que muitos destes pais justificam o não acompanhamento da vida escolar de seus respectivos filhos, por não terem tido a oportunidade de estudar (alguns mal sabem ler e escrever seu próprio nome). A escola, por exemplo, lançou uma campanha para que estes pais se tornassem alunos do turno noturno, porque o número destes ainda é muito pequeno e vários outros projetos são realizados para que estes poucos alunos que frequentam não abandonem a escola. Constatou-se que muitos destes pais se matricularam na escola, contudo encontram dificuldades para sair à noite por causa da violência no bairro, pois os traficantes costumam controlar a entrada e saída dos moradores em determinados horários e, tendo consciência disso, a escola é obrigada a encerrar as aulas mais cedo, por causa destes problemas ocorridos em algumas áreas do bairro.

Além disso, outras atividades são criadas na instituição escolar, como a promoção de palestras sobre os casos mais comuns existentes nas famílias dos seus alunos, como agressão contra a mulher e a contra as crianças. No presente ano, por exemplo, as mães assistiram na escola a uma palestra com uma representante da delegacia das mulheres, na qual teve a oportunidade de falar sobre a função daquela instituição, da sua localização e dos casos que foram resolvidos

por ela, buscando tirar todas as dúvidas das mulheres que se dispuseram a perguntar.

Outras instituições presentes na escola são o conselho tutelar e os policiais da **ronda escolar**³. O conselho tutelar, por exemplo, já promoveu palestras para os alunos, com o intuito de informar sua função junto à escola e as medidas adotadas com os alunos encaminhados ao órgão.

A ronda escolar tem como objetivo preservar a paz nas Escolas Municipais, Estaduais e particulares de ensino, focando a maior atenção nos locais de vulnerabilidade acentuada, coibindo de forma preventiva ocorrências tais como: Furto, roubo, atentado ao pudor, depredação, ameaças e várias outras ocorrências praticadas por indivíduos de fora da escola bem como por adolescentes pertencentes a escola. Todavia os agente que atuam na Ronda Escolar, mesmo sendo um trabalho arriscado (o risco é inerente á profissão, claro) são orientados para terem em mente que seu trabalho e acima de tudo contribuir para uma mudança de cultura dentro do ambiente escolar, pois é na escola que nossos jovens adquirem valores e aprendem a ser cidadãos docentes.

Segundo Debarbieux (2002, p. 263), as causas da violência dentro da escola são inúmeras, mas cabe às escolas, na sua organização, em comunhão com a equipe escolar, criar mecanismos para conter esta violência, hoje tão presente no ambiente escolar. Fatores de risco como o baixo desempenho escolar, pais criminosos, baixa renda familiar, pais analfabetos e desestruturação das famílias são fatores condicionantes que contribuem para os elevados índices de violência na sociedade atual:

A escola não é uma ilha, senão parte da comunidade. [...] É claro que algumas situações têm que ser resolvidas pelo professor em sala de aula; outras serão tratadas pelo diretor ou pela polícia e por fim, um pequeno número delas será entregue aos serviços sociais. As escolas funcionais e os professores devidamente habilitados desenvolveram a capacidade de trabalhar em parceria com as organizações comunitárias, definindo o campo de ação de cada uma delas (DEBARBIEUX, 2002, p. 263).

³ Disponível em <guardamunicipaldemaracas.blogspot.com/.../ronda-escolar.html - Em cache

Muitos autores associam a violência à pobreza, a cor da pele e à localização de alguns bairros. Entretanto, diante do presente momento, pode-se constatar que a violência não tem endereço, cor, idade ou classe social, ela acaba atingindo todas as camadas sociais. Ao assistir aos noticiários, cenas constantes “cheias de sangue” têm deixado as pessoas assustadas. A violência parece cada vez mais gritante. As pessoas vivem em prisões particulares, com suas casas exageradamente protegidas por grades, perdendo-se a confiança uma nas outras, temerosas em saírem à noite, de ir a festas populares, e até mesmo dentro de casa, correm o risco de ser atingidas por balas perdidas, como mostram muitos casos nas mídias. Questionamentos como: O que está acontecendo com a sociedade? O que está acontecendo com a segurança pública brasileira? O que irá acontecer com o nosso país diante de tanta violência?, fazem parte do imaginário das pessoas.

Dentro dos ônibus coletivos, teme-se que alguém esteja portando uma arma, e que a qualquer momento anuncie o assalto. Nas escolas, isso também pode acontecer, entretanto não se podem revistar as mochilas dos alunos porque a lei não permite. Aliás, mesmo que isso fosse possível, com certeza as escolas não disporiam de profissionais suficientes para realizar este trabalho. Sendo assim, continuam sendo acompanhados nas escolas casos de alunos portando armas para como estiletes, facas e outros objetos cortantes.

Segundo Routti (2006, p. 215), muitas escolas ainda utilizam alguns métodos de punição para tentar reprimir os comportamentos agressivos de alguns alunos como: deixar o aluno sem recreio; tirar ponto por causa do comportamento; dar suspensão ao aluno e pedir a presença de um responsável na escola para este voltar a frequentar as aulas, dentre outras:

Nas representações dos membros escolares e de suas práticas cotidianas, podemos observar constantemente no Brasil demandas por ações punitivas que provêm de uma concepção individual da questão da violência. Assim, a culpa pela sua ocorrência é muitas vezes depositada no aluno, na sua família, sendo que as dinâmicas da própria instituição de ensino não são avaliadas também como passíveis produtoras de violência. Contudo, a tradição escolar de punição e responsabilização apenas individual pelos atos de indisciplina e violência escolar nem sempre se mostra eficaz na real solução do problema.(ROUTTI, 2006, p. 215).

Ainda para Debarbieux (2002, p. 257), atos punitivos acabam excluindo alguns alunos do convívio escolar, tornando um aluno rejeitado pelos colegas e pela equipe escolar, por ser um aluno-problema na escola. Isso pode fazer com que estes muitas vezes abandonem a escola, e por conseqüência, entrem para o mundo da criminalidade:

Uma escola é um lugar onde os jovens podem desenvolver e manter relações significativas, inclusive com adultos que se preocupam com seu bem estar. Uma escola é, também, um lugar de educação, um lugar onde os alunos se preparam para a vida social. Para alguns dos jovens que talvez tenham deficiências em termos de socialização, a escola pode representar uma segunda oportunidade, ou mesmo uma última oportunidade de desenvolver as capacidades necessárias para se integrar à comunidade, para que eles venham a ser capazes de viver uma vida rica, tanto ao nível profissional quanto ao nível pessoal (DEBARBIEUX, 2002, p. 257).

As escolas devem promover, ainda segundo Routti (2006, p.231), programas como o desenvolvimento de atividades lúdicas, artísticas, e a organização de campeonatos entre os alunos da escola e de outras instituições, para assim estimular o espírito competitivo entre eles, fazendo com que eles percebam que na vida a competição saudável é importante, assim como a construção do trabalho em equipe, para que percebam o quanto é necessário a convivência com o outro para viver. Além de também, oferecer cursos aos professores que abordem a violência escolar, que vem crescendo assustadoramente e dificultando o trabalho docente, fazendo até mesmo com que muitos abandonem a profissão:

Uma cultura escolar que não é marcada geralmente por padrões de punições, de práticas de culpabilização permanente dos alunos e também de suas famílias cria dificuldades para a implantação de projetos que priorizem a participação. A escola não raro se exime de atuar na esfera relacional, promovendo o respeito entre as pessoas, desse modo, propostas diferenciadas tendem ao fracasso se a escola, como um todo, não estiver disposta a repensar as suas práticas. Uma postura inicial se faz primordial para que os projetos não se percam em objetivos que não conseguem ser cumpridos (ROUTTI, 2006, p. 231).

A seguir, serão detalhados o funcionamento da escola pesquisada, a sua localização e como ela é gerida, mostrando como os alunos e equipe escolar convivem com a violência e como ela vem sendo administrada pela escola.

4.1 LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

A pesquisa foi realizada em uma escola localizada na região do Cabula, uma escola de grande porte que, no início, pertencia ao Estado, mas que há pouco tempo foi municipalizada. A escola possui três pavilhões com quatro salas e um com três, cinco banheiros para os alunos, dois banheiros para a equipe gestora, pedagógica e os funcionários da secretaria, dois para os funcionários da limpeza e um banheiro para os funcionários da copa. A escola também possui uma cozinha, um depósito para estocagem da merenda escolar, um refeitório para alunos e também para os professores, uma sala para os professores, uma direção e uma secretaria, uma sala de informática, duas áreas amplas, uma que serve de estacionamento para os professores e visitantes, e a outra, uma quadra poliesportiva que é muito querida pela escola.

A escola oferece ensino da educação infantil ao 5º ano, nos turnos diurnos, e a SEJA (Seguimento de Educação de Jovens e Adultos), no noturno. Ela também está incluída no projeto “Escola Aberta”, projeto este que funciona nos fins de semanas, oferecendo vários cursos como de informática, de manicure, de artesanato, capoeira, futebol e outros. Estes cursos são oferecidos não só para os alunos da escola, como também para toda a comunidade local, pois têm como objetivo aproximar pais, alunos e toda a comunidade à escola, para assim haver esta integração entre ela e a comunidade como um todo, no intuito de tentar diminuir os casos de violência dentro e fora da escola.

4.2 DADOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada tendo como objeto de estudo o ambiente escolar e as relações entre os atores desta instituição. Para isso, tornou-se necessário o encontro entre pesquisador e o objeto da pesquisa para conhecê-lo e estudá-lo na sua realidade.

Realizada com dois grupos de alunos do turno matutino, um do 4º ano e o outro do 5º ano, duas professoras e a vice-diretora do mesmo turno, a coleta de dados foi realizada através de questionários e conversas informais com os alunos, professores e vice-diretora. Os alunos entrevistados têm idade entre 11 e 15 anos. Destes, 70% são negros, 25% são pardos e apenas 5% são brancos. Todos os alunos moram próximo à escola e são de origem pobre.

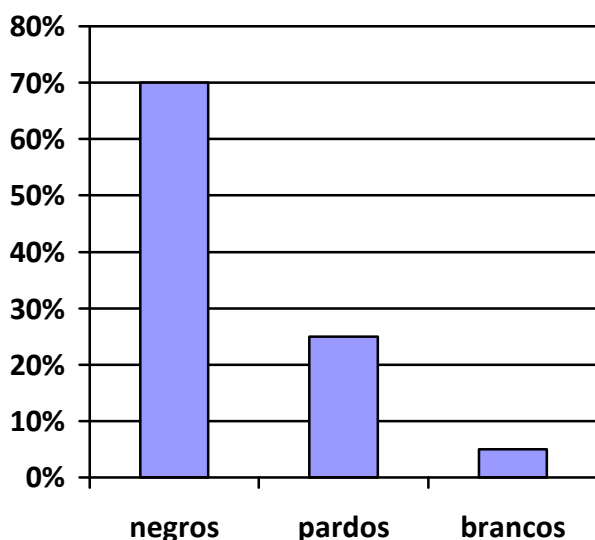


Tabela 1 Tipo de etnia dos alunos.

Na entrevista realizada, 80% dos alunos definiram como ato de violência, as brigas e os xingamentos dados por alguns alunos, e 20% consideraram violência, os apelidos inconvenientes e a discriminação racial que alguns alunos sofrem na escola.

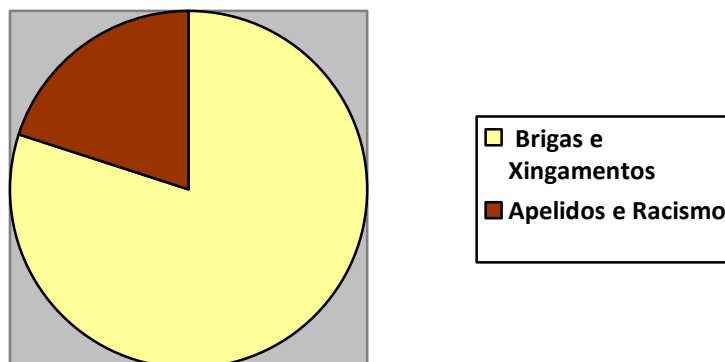


Tabela 2 Tipo de violência mais comum na escola

Na observação realizada nesta escola, realmente pode-se comprovar que os casos de violência mais comuns entre os alunos são realmente as brigas, os apelidos ofensivos e o preconceito que alguns alunos sofrem por apresentar alguma característica diferente do restante do grupo.

Um dos casos significativos ocorreu numa das turmas entrevistadas, que tinha um aluno que era negro e apresentava uma característica que fugia ao padrão da turma: ele era o menor aluno da classe. Por isso, alguns alunos, de vez em quando, faziam piadas agressivas e este aluno, por sua vez, muito aborrecido lançava algum objeto, como borracha ou lápis, no colega agressor, além de se queixar à professora, que intervinha na situação, voltando em seguida à normalidade.

Ao serem questionados sobre os casos mais comuns de violência ocorridos na classe, 80% dos alunos responderam que eram as brigas entre colegas e 20% falaram dos apelidos que os incomodavam bastante. Sobre o que poderia ser feito para resolver o problema da violência na escola, 90% responderam que deveria expulsar os alunos violentos e 10%, que a direção deveria chamar os pais para resolver o problema.

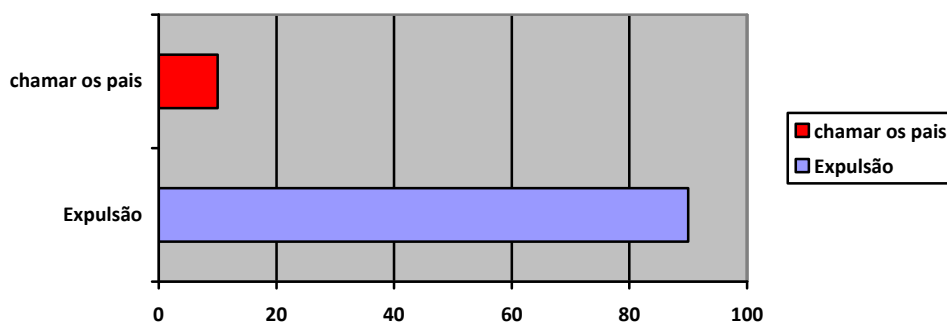


Tabela 3 Opiniões dos alunos para conter a violência

Quando questionados sobre o que eles achavam da escola, 95% responderam que a achavam muito importante e um lugar onde eles podiam aprender. Já os outros 5% responderam que iam à escola apenas para ver os colegas e fazer novas amizades. Na pergunta referente ao fato de eles já terem sofrido algum caso de violência, 60% responderam que não e 40% responderam que sim, que já se envolveram em brigas com colegas.

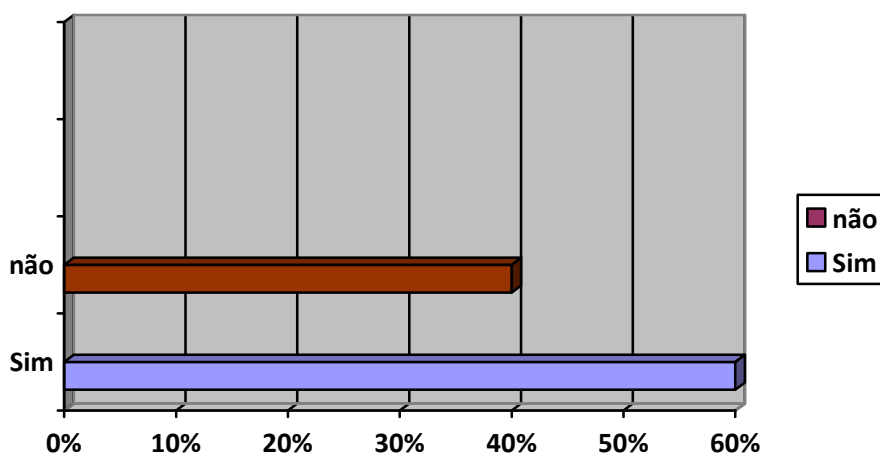


Tabela 4 Se já sofreram caso de violência

No caso das professoras entrevistadas, ambas possuíam formação superior e trabalhavam em dois turnos nesta mesma escola, como especificado na tabela abaixo:

Tabela 1. Formação / Carga horária/ Tempo na área				
PROFESSORA	FORMAÇÃO	CARGA	TEMPO	QUE

		HORÁRIA	ATUA NA ÁREA
A	Superior completo	40h/ semanais	6 anos
B	Tem formação em letras, fez especialização no normal superior e está concluindo o curso de história á distância.	40 h/ semanais	7 anos

Fonte: Pesquisa de Campo realizada em outubro de 2010

No questionário respondido pelas professoras, as duas apontaram como causa principal da violência na escola, o contexto social e a desestruturação das famílias. Nesta perspectiva, observa-se um certo preconceito apresentado pelas professoras que, na sua concepção de violência de cada uma, associam à pobreza e aos moradores das periferias.

Tabela 2. Tipo de violência mais sofrida pelos alunos segundo a gestão e os professores.	
VIOLÊNCIA FÍSICA	55%
VIOLÊNCIA VERBAL	20%
VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA	15%
VIOLÊNCIA RACIAL	10%

Fonte: Pesquisa de Campo realizada em outubro de 2010

Questionadas sobre como minimizar a violência na escola, a professora A respondeu que ela poderia ser amenizada, mas não totalmente extinta, sem antes acabar com a violência dentro da própria sociedade. Já a professora B respondeu que através de trabalhos contínuos de conscientização com os alunos e toda a comunidade escolar, isso seria possível.

A escola também apresenta o projeto chamado “Mais Educação”, no qual os alunos que têm dificuldade de aprendizado, por causa principalmente do comportamento indisciplinado e violento em sala de aula, recebem reforço escolar

ou participa de alguma oficina educativa e cursos oferecidos pela escola como capoeira e oficina de arte. Este permanece na escola nos dois turnos, sendo que o do projeto ocorre no horário oposto ao da aula:

O Programa Mais Educação⁴, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, aumenta a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macrocampos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica.

A iniciativa é coordenada pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC) e com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Sua operacionalização é feita por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Sobre as medidas tomadas pela escola na situação de violência entre alunos, as professoras A e B responderam que tentavam resolver através de conversas com os alunos, em outros casos, a família é convidada a comparecer à escola e o caso é registrado no livro de ocorrência e, em caso de reincidência, o conselho tutelar é acionado e o aluno e seu responsável são intimados a comparecer no órgão. Pela fala das professoras, os tipos de violência mais comuns na escola são as brigas e as agressões verbais. Elas foram questionadas também se já haviam sofrido algum tipo de violência na escola. A professora A respondeu que só de forma sutil, e a professora B disse que não.

Durante a pesquisa também, as professoras informaram que a escola apresentava constantes casos de violência entre os alunos, e que os professores já viviam estressados com aquela situação. Uma das medidas tomadas pela escola foi acabar com o recreio, assim, as aulas costumam terminar 20 minutos mais cedo. Ou seja, cada sala tem apenas 10 minutos para ir ao refeitório lanchar e em seguida os alunos voltam para a sala de aula. Estas medidas tiveram a aprovação dos professores, mas 80% dos alunos desaprovaram a atitude da direção, preferindo que voltasse a ter o recreio, apenas 20% dos alunos aprovaram a atitude da direção

³Disponível em <portal.mec.gov.br/index.php?Itemid>

da escola, acreditando que o recreio só servia para os alunos brigarem e machucarem.

Outra questão muito debatida pelos alunos dizia respeito ao uso da quadra esportiva da escola, que era limitada, sendo muitas vezes ocupada pelos alunos do segundo-tempo que funcionava na escola, os alunos da capoeira ou emprestada para atividades realizadas por outras escolas da comunidade, já que ela era a única escola daquela região que possuía uma área extensa com quadra esportiva, sendo que 90% das atividades promovidas pela CRE-Cabula eram realizadas nesta unidade escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem como função primordial preparar o aluno para a vida, através do desenvolvendo das suas capacidades cognitivas de forma completa, para que assim ele se transforme em um agente criador e transformador do conhecimento, por ser esta uma instituição educativa. Portanto, é através do conhecimento adquirido na escola que o estudante é reconhecido como cidadão, na construção do seu conhecimento, e no exercício da aprendizagem que são conceitos opostos à violência.

Desta forma, as escolas, que antes eram associadas à segurança, isentas totalmente de violência, hoje se debatem com a disseminação da violência, ocasionada muitas vezes por motivos dos mais simples aos mais complexos, sejam eles internos ou externos à escola. Apresentando-se tanto por agressões que vão desde as brincadeiras desagradáveis, às ofensas causadas por xingamentos, casos de preconceitos, roubos e os abusos de poder das instituições.

O professor, que não disponibiliza de muitos recursos para tratar do tema violência entre os alunos, acaba utilizando-se ainda de alguns métodos de punição tais como encaminhar o aluno para a direção, conversar com os pais para tentar resolver a questão do aluno, suspender ou até mesmo expulsar alunos que praticam atos que fogem da competência da instituição escolar resolver.

Para combater os casos de violência na escola, algumas medidas tornam-se necessárias, um exemplo disto, é fazer a integração entre escola e comunidade, para assim tentar conter os ataques externos sofridos por muitas delas, afastando-a

do seu real objetivo, fazendo com que a escola seja um mediador na relação entre aluno e família.

A escola também precisa estar atenta às transformações ocorridas na sociedade, associando estas mudanças ao cotidiano escolar, adequando as práticas educativas à realidade desses alunos, pois são os professores que trabalham diretamente com estes alunos, impondo regras que conseqüentemente são impostas pela instituição, e estes, por sua vez, não as cumprem por estarem condicionados a viverem em ambientes onde algumas normas de convivência não são seguidas.

Além disso, a escola também necessita de profissionais competentes, que possuam conhecimentos pedagógicos, e que esses profissionais, através do poder público, possam usar seus recursos, para investir na formação de todos os envolvidos no processo educativo, e estabelecer algumas normas para que os direitos e também os deveres destes docentes sejam reconhecidos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Org.). **Cotidiano das escolas**: entre violências. Brasília: UNESCO, 2006.

_____ et al. **Violência nas escolas**: versão resumida. Brasília, DF: UNESCO, 2003.

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

DEBARBIEUX, Eric. **Desafios e alternativas**: violência nas escolas. Brasília, DF: UNESCO, 2003. Trabalho apresentado no Seminário Internacional de Violência nas Escolas, 1, em 2001, Brasília, DF.

_____ BLAYA, Catherine (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, DF: Unesco, 2002.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar**: conflitos e ambiguidade. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. (Coleção Educação Contemporânea).

LIBÂNIO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Docência em Formação)

_____ **Pedagogia e pedagogos para quê?** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Fala galera**: juventude, violência e cidadania. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola**: um guia para pais e professores. São Paulo: Andhep, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

TAVARES DOS SANTOS, J.V. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 105 – 122, jan./ jul. 2001.

VENAS, Ronaldo Figueiredo. **Gestão escolar e violência**: um estudo de caso sobre ações gestoras em situação de violência. 154 f. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

ANEXO

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

1. Escreva o que você sabe sobre o que é violência?
2. Na sua classe ocorrem casos de violência? Quais?
3. O que causa a violência na escola?
4. Como você acha que poderia ser resolvido o problema da violência?
5. O que acontece com alunos violentos na escola?
6. Como são construídas as regras na escola? E na classe?
7. Qual a sua idade? E há quantos anos você estuda nesta escola?
8. O que você acha da escola e o que ela significa para você?
9. Você já sofreu algum ato de violência aqui na escola? O que aconteceu com você, e qual a sua atitude?

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

1. O que é violência?
2. O que causa a violência na escola?
3. Ela pode ser trabalhada, minimizada ou até extinta da escola? Como?
4. A escola e sua forma de organização, contribuem para a ocorrência da violência?
5. Quais são as medidas tomadas perante comportamentos violentos dentro e fora da sala de aula?
6. Qual a sua atitude nos casos de violência entre alunos?
7. Quais as formas de violência mais comum na escola?
8. Você já sofreu algum tipo de ameaça por aluno? Qual?